

# MANIFESTO SOBRE PEDAGOGIAS FEMINISTAS

**Nahuala Indómita**

Traduzido por Valéria Araújo

## INTRODUÇÃO

Em Nahuala Indómita, questionar a pedagogia a partir de um enfoque ambientalista-feminista foi o primeiro passo que demos, o nosso ponto de partida. Por um lado, refletimos sobre como temos construído nosso conhecimento. Para isso, usamos o conceito de "sentipensar", que nos ajuda a entender que a corporalidade e nossos contextos fazem parte da construção do nosso conhecimento. Mais adiante, refletimos sobre as experiências vividas individualmente e coletivamente; vivências que semearam novas perspectivas e, com elas, uma transformação do conhecimento. Por último, compartilhamos como, a partir de nossas experiências, aplicamos o desaprender na transformação de nossa construção de conhecimento. Com o coração cheio de agradecimento, compartilhamos este manifesto, que foi resultado da nossa participação na Conferência de LAPES, em 2022. Manifesto esse que foi enriquecido após abirmos o espaço para ouvir as mentes e as sabedorias coletivas durante a conferência, criando um ambiente onde nos permitimos nos sentir, nos escutar e nos olhar. Compartilhamos um manifesto que nos acompanha nesta ação pela transformação das pedagogias, a partir de abordagens diferentes das homogêneas e que ressoam mais com nossos corações hoje mais atentos.

## MANIFESTO

### CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO PARTE I

Compartilhamos uma pausa para agradecer por este espaço, os conhecimentos e a presença; uma pausa para respirar.

Começamos com uma citação de Marisa Belausteguigoitia y Araceli Mingo, porque a construção do conhecimento se faz assim, reconhecendo de onde tiramos os ingredientes, *aalgo por aqui, outro desse lado e um pouco disso também.*

Em suas palavras, “Uma das encruzilhadas que tem capturado o pensamento educativo e suas relações com o feminismo e os estudos de gênero é a tensão existente entre a concepção da educação como libertadora e a educação justamente como o contrário, como a reprodutora da opressão e de tudo aquilo que o libera” (Belausteguigoitia y Mingo 1999).<sup>1</sup>

E nos perguntamos, como construímos nossos conhecimentos? Quem dá valor ao que aprendemos?

Na sociedade em que vivemos, a aprendizagem mais valorizada é aquela obtida na academia. É imperdoável que nos falte a educação recebida de uma instituição. E aqui a pergunta é: o que é isso que nos faz enaltecer esse tipo de conhecimento?

Exato. Chama-se patriarcado.

Esse mesmo sistema de crenças é o que chama de *usos e costumes* o conhecimento comunitário e de *ciência* o conhecimento institucional. E assim, o conhecimento é hierarquizado, e vemos isso refletido na gestão da saúde, na alimentação, nos cuidados e nos afazeres. Nós buscamos outras propostas, outras formas de construir conhecimento. Por exemplo, a pedagogia de Reggio Emilia, que surge após a Segunda Guerra Mundial na Itália, é baseada no *asombro*, na capacidade inata da descoberta e curiosidade. É uma pedagogia que nos convida a perguntar constantemente, o que é importante aprender neste momento da minha vida? O exercício de regressar para nossas meninas internas e perguntar a elas, o que é importante para você aprender? A princípio pode ser difícil perceber que muitas das questões que surgiram e as habilidades que desejávamos quando crianças ainda estão naquela caixa de desejos. E continuam lá porque, infelizmente, em muitos espaços, contextos ou ambientes, percebemos que o que queremos aprender não condiz com os livros escolares ou com os ensinamentos de nossos cuidadorxs e minimizamos a sua importância.

Hoje nós dizemos: “queremos fazer parte de espaços onde prevaleçam a importância de honrar as diversas necessidades, os diversos contextos; onde a construção do conhecimento responda

1→ Belausteguigoitia, Marisa, y Araceli Mingo. 1999. “Fuga a dos voces”, en *Géneros prófugos. Feminismo y educación*. Ciudad de México: Paidós.

aos corações-curiosidades e as necessidades reais de cada uma”.

## CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PARTE II

Nesses anos de partilha, na companhia de muitas companheiras, reconhecemos que o desaprender é para nós o processo mais importante. Começamos a questionar absolutamente tudo, e o mais tangível que vimos foi o cuidado com o nosso entorno. Cada uma com seus processos, mas com uma linha muito comum, concentramos nossos projetos de vida com uma radicalidade do pensamento anticapitalista hiper extrema. Foi difícil nos darmos conta de que estamos imersas no mundo patriarcal heterocapitalista, mas isso também nos deu força para resistir por dentro. Agora com os pés na terra, literal e metaforicamente, estamos em processo de construção de novos conhecimentos.

Em consonância com o que as companheiras feministas comunitárias de Abya Yala<sup>2</sup> chamam, buscamos viver de forma autônoma e embora possa soar contraditório para alguns, também buscamos viver em coletividade. Tem sido assim, o pessoal é político. O político também é coletivo. E a partir daí, construímos nosso conhecimento coletivamente.

Acreditamos fielmente que a escuta é uma das ferramentas mais poderosas que temos e juntas construímos espaços coletivos onde nos sentamos para ouvir, desaprender...e claro, aprender também.

## TRANSFORMAÇÃO DO CONHECIMENTO PARTE I

E tem sido assim, aprender a nos escutar também faz parte desse processo. Novamente, como dizem as companheiras feministas

- 2 → Abya Yala é o termo que designa o território que compreende o continente americano. Foi utilizado pelos Kuna, comunidade nativa que vive na Colômbia e no Panamá, e significa Terra Madura, Terra Viva ou Terra em Florescimento (*Tierra Madura, Tierra Viva o Tierra en Florecimiento*, Carrera y Ruiz 2016). Hoje utilizamos esse termo como uma ação que busca a descolonização do nome do território que habitamos. Carrera Maldonado, Beatriz, y Zara Ruiz Romero, eds. 2016. "Prólogo." *Abya Yala Wawgeykun: Artes, Saberes y Vivencias de Indígenas Americanos*. Vol. 1. Acer-VOS. Patrimonio Cultural Iberoamericano.

comunitárias: ver de forma distinta não significa conflito, mas a oportunidade de buscar a riqueza e a harmonia das perspectivas de todas e todos para fortalecer a solidez da comunidade.

Nahuala nasce assim, na busca de coletivizar as aprendizagens que estamos obtendo. Desaprender práticas cotidianas que tanto prejudicaram e agregar práticas que se alinhem com a convivência digna entre as espécies.

Nós aprendemos que as opressões que o capitalismo heteropatriarcal exerce contra nós, também exerce contra a natureza e, com isso, decidimos ativamente fazer parte desta luta, em que as duas se convergem. E no momento em que conseguimos entender como as problemáticas podem ser subvertidas, percebemos que estávamos transformando nosso conhecimento. Desde a maneira que estávamos aprendendo: a quem estou escutando?, até a maneira como compartilhamos os aprendizados: como faço para transmitir essa mensagem?

Transmitir a mensagem também tem sido um grande desafio. Nem todos os espaços recebem as mensagens da mesma forma e, às vezes, também é um aprendizado entender que existem espaços em que a nossa voz não vai ressoar da maneira que gostaríamos. Mas seguimos na busca constante, aprendendo por qual trilha devemos seguir nesse caminho de resistência cotidiana.

E então nos perguntamos, as pedagogias feministas são necessárias para enfrentar o capitalismo racial, patriarcal, extrativista e colonial em todo o mundo? Acreditamos que sim. Aprendemos que, se não lutarmos pela nossa casa e pelas espécies que a habitam, lutar por todo o resto será lutar pela metade. As opressões são interligadas e como dizem muitas de nossas companheiras de Abya Yala que defendem a terra e o território “não estamos defendendo a vida, somos a vida se defendendo.”

As pedagogias feministas, em geral, estão contextualizadas a momentos, lugares e opressões. Portanto, acreditamos que transformamos as nossas ações cotidianas com essas pedagogias; e como isso, transformamos a de outrxs, estamos fazendo uma grande diferença. Sabemos que isso não é fácil em todos os contextos, mas

faço o convite de não nos calarmos mais, contemos por que fazemos as coisas. Mesmo que nossa voz trema ao fazê-lo.

Ainda que seja percebido como algo da natureza, numa perspectiva muito essencialista, o patriarcado obscureceu nossos sentimentos e nos levou a um ponto que, se quisermos nos destacar, precisamos racionalizar tudo, sentir menos. No entanto, estamos aprendendo que sentir também é parte fundamental desse processo de transformação do conhecimento. Nossa proposta é que aprendamos sentindo, empatizando e escutando. Que quando estamos prestes a iniciar um processo de aprendizagem, reconheçamos o que estamos sentindo naquele momento, tanto emocional quanto físico. Porque disso também vai depender o que assimilamos de cada experiência de aprendizagem.

## **TRANSFORMAÇÃO DO CONHECIMENTO PARTE II**

Propomos honrar em nós os conhecimentos-aprendizagens que nos formam. Desde o momento que acordamos, podemos aprender como o sol nasceu, as formas das nuvens, o cheiro do ar, como meu corpo se sente. Sempre nos perguntamos isso, e é muito complexo: paremos. Sem pressa, mas sem pausa, como sempre diz uma de nossas mães.

“Sentir e aprender que na escola não somos só produção de conhecimentos, mas pessoas com corpo e sexuadas, não divisíveis entre mente e corpo, somos um todo dinâmico, e que não somos sujeitos com uma ‘materialização abstrata’” (Acaso 2011).<sup>3</sup>

## **APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO PARTE I**

Um dos exemplos mais tangíveis para nós é a permacultura, que nos convida a nos entender como parte de um todo. Aprender a escutar-observar o nosso corpo—como o primeiro território que habitamos, nas palavras de Lorena Cabnal—e aprender a escutar-observar o

3 → Acaso, Maria, Elizabeth Ellsworth y Carla Padró. 2011. *El aprendizaje de lo inesperado*. Madrid: Catarata.

entorno-território para além de nossos corpos como habitantes.<sup>4</sup> Dessa forma, também entender as necessidades individuais e coletivas, para a partir daí construir, cultivar, atuar, criar. Ao mesmo tempo, aprendemos que o feminismo comunitário e indígena não se posiciona a partir de uma postura de enfrentamento e construção de direitos individuais, mas sim coletivos; da comunidade como um lugar de identidade comum e de memória ancestral.

Alinhando nossa transformação de conhecimento com os saberes ancestrais da cosmogonia Maya aprendemos de maneira distinta, e com o merecido respeito, trazemos em citação três conceitos que ressoam com nossos *sentipensares*:

K'AT é um dia do calendário Maya, tem a ver com o tecer ou o entrelaçar da vida, a unidade da comunidade, a rede. O valor da coletividade dentro da comunidade e tecer a unidade dentro da cultura Maya reconhece a diversidade, que é conhecida como *el kulaj-tz aqat* (dualidade e a complementaridade); da mesma forma *la cuatriedad*; o *q'uch* (reciprocidade, solidariedade, apoio mútuo); são elementos que nos permitem viver em equilíbrio e harmonia. (Sanic y Paz, 2013).<sup>5</sup>

Aprendemos com o que nos rodeia e a cosmogonia Maya, com esses três conceitos, nos convida a reconhecer a diversidade que nos habita e com a qual convivemos. São conceitos utilizados por muitas comunidades dos territórios que habitamos (Guatemala e México) na construção de comunidade e conhecimento, tecendo entre gerações a partir da coletividade e do respeito.

Aqui reside o desafio e a beleza: trazer os aprendizados para o cotidiano, apreciar os mesmos aprendizados do cotidiano. Nos perguntamos, como nos relacionamos? Em todos os sentidos, com o

4 → Cabnal, Lorena. 2010. "Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala." In L. Cabnal (ed.), *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. Madrid: Acsur, Las Segovias. 11-25.

5 → Sanic, Y. y Juan José Hurtado Paz y Paz. 2013. *Aportes desde la cosmovisión y mujeres mayas para la prevención de la violencia de género*. Guatemala: Asociación Pop N'oj.

nosso corpo, nossas pessoas, nossos espaços, com a vida que habita esses espaços, com as vidas que só nos atravessam instantaneamente, entre outros. Assim como, a forma como falamos, o que comemos. Um sem fim de “quês” e “comos”.

## **APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO PARTE II**

Acreditamos que uma das lições mais importantes da longa e contínua luta feminista na América Latina e no Caribe é a de coletivizar o trabalho que fazemos em nível pessoal. Agir localmente e pensar globalmente também se aplica ao nosso cotidiano com as pessoas. Nos comunicar, ter empatia, tentar entender a partir de onde a outra pessoa está agindo. Isso também nos liberta.

Ressoamos fortemente com a ideia de que precisamos sair da academia embranquecida e ocidentalizada, precisamos estar mais nas ruas, ouvir mais. Conhecer outros cotidianos. Consideramos que reaprender também pode ser intergeracional. Há coisas que desaprendemos e que poderíamos reintegrar em nosso cotidiano, em sinergia com as nossas novas visões. Para nós, fazer parte dessa mudança coletiva e reconhecer as opressões e os privilégios que nos enquadram é uma decisão diária. Acreditamos que atuar dessa forma nos permite ter mais clareza de onde e até onde atuar.

## **CONCLUSÃO**

Nós decidimos todos os dias refletir sobre nosso relacionamento interespecies. Decidimos questionar sobre como podemos nos alinhar com nós mesmos e também com o nosso entorno. Pensamos na nossa relação com o nosso corpo, na nossa alimentação, de onde vem o que consumimos, o que teve que acontecer para podermos nos alimentar disso, quem estava envolvido nesse processo. Também questionamos nossas formas de nos relacionar em nível afetivo e sexo-afetivo. Crescemos bastante quando nos entendemos a partir daí, do papel que nossos corpos desempenham, das nossas vivências como meninas, como adolescentes.



Também nos questionamos de que forma queremos viver, o que consumimos, com quem queremos coletivizar, o que queremos fazer no nosso dia a dia. Seguimos nos construindo ao mesmo tempo em que estamos conscientes de que é um caminho constante, que talvez não tenha um fim. E que há sempre oportunidade de aprender novas formas de (re)construir, transformar e aplicar (nos) novos conhecimentos.

E definitivamente descansar. Há tanto, tanto, tanto que nos questionar, mas descansar também é fundamental. Nos cuidar, nos desconectar, nos escutar e dessa forma ter ferramentas e forças para continuar. Vamos construir pedagogias que valorizem o descanso e assim deixar de lado a necessidade capitalista de produzir conhecimento sem parar.■